

Heródoto, *Histórias*. Livro 6º. Introdução, versão do grego e notas de José Ribeiro Ferreira e Delfim Ferreira Leão. Lisboa, Edições 70, 2000.

Com este volume, o Instituto de Estudos Clássicos da Faculdade de Letras de Coimbra dá prosseguimento ao projecto de traduzir para o português as *Histórias* de Heródoto, tendo já publicado os livros 1 e 3. Trata-se, em verdade, de um projecto ambicioso, não só pelo rigor, acribia e actualidade desta nova tradução, mas também pelos cuidadosos estudos que compõem a introdução e pelas numerosas notas que acompanham e sob diversos aspectos esclarecem o texto traduzido.

Três estudos introdutórios amparam o leitor, ao descrever a articulação geral do livro 6º, e ao dar uma ampla perspectiva do contexto histórico e cultural de factos e instituições que nesse livro se documentam. Assim, o primeiro estudo, intitulado “Resumo-esquema”, detém-se na análise dos grandes segmentos, sua sequência e conexões, de modo a apresentar uma sinopse na qual se descobrem os fios condutores dessa caudalosa narrativa. “(...) os núcleos narrativos (os *logoi*) seriam três: Batalha de Lade e fim da revolta iónica (1-42); primeira expedição persa contra a Grécia, fracassada, e digressão sobre Esparta (43-93); segunda expedição persa contra a Grécia, sob o comando de Dátis e Artafernes, que culmina com a Batalha de Maratona (94-140)” (p.17). Cada um desses *logoi*, por sua vez, tem as suas subdivisões, as suas personagens, as suas implícitas intenções, que a análise revela, destaca e justifica, ao mesmo tempo que dialoga com outros estudiosos e comentadores, citados a cada passo.

O segundo estudo, “A Batalha de Maratona e sua utilização política”, constitui um breve, mas rico retrato da jovem democracia ateniense, seus móveis, recursos e conquistas, promotores, opositores e jogos de interesse, as trajetórias políticas de Milcíades e de Temístocles, suas implicações e repercussões. As condições que tornaram possível a vitória de Maratona, suas consequências no quadro político ateniense e a elaboração de seu significado numa perspectiva determinada por interesses conservadores e aristocráticos, a comparação e contraste com a vitória obtida dez anos mais tarde em Salamina e o diverso tratamento que essa nova e não menos importante vitória sobre os persas teve nos autores e no imaginário político ateniense, têm uma análise lúcida e criteriosamente documentada, circunstanciada e esclarecedora, convincente em suas conclusões.

A introdução se completa com um terceiro estudo, “O oráculo de Apolo em Delfos e o Livro 6º das *Histórias* de Heródoto”, que trata com simplicidade e clareza um dos aspectos mais complexos, problemáticos e fundamentais da mentalidade grega clássica em geral e em particular das *Histórias* de Heródoto. Sinais divinos, sob a forma de sonhos, prodígios ou oráculos, constituem um elemento fundamental na percepção da realidade dos gregos antigos, e disso

Heródoto dá eloquente testemunho não só pela pletora de sinais divinos presentes em sua narrativa, mas também porque esses diversos sinais divinos desempenham a função de um recurso estruturador da narrativa mesma, sendo muitas vezes um elemento com que o narrador comprova e autentica a versão dos fatos que entre tantas disponíveis ele escolheu para compor o seu relato. Assim, esse terceiro estudo vem em socorro do leitor, fornecendo-lhe um conjunto de dados e esclarecimentos que lhe abrem a possibilidade de uma melhor compreensão desse aspecto desconcertante dos gregos clássicos e das *Histórias* de Heródoto.

Contudo, o mérito maior deste volume reside na tradução mesma da obra. Simples, clara, elegante e correcta, a linguagem usada na tradução permite, no entanto, ao leitor que adivinhe através dela os termos e a construção sintáctica utilizados no original, o que não é pedir pouco ao tradutor. Essa acribia e rigorosa aderência ao original tornam obsoletas as traduções anteriores de Heródoto ao português, por tudo o que esses trabalhos anteriores têm de perifrásico e prolixo. Como se não bastasse esse rigor, numerosas notas de uma erudição enciclopédica pontilham o texto e acumulam informações a respeito de nomes próprios, factos, usos e costumes, de modo que a leitura se há de fazer em dois tempos, um para o texto traduzido, outro para os esclarecimentos a ele infatigavelmente aportados pelos tradutores.

JAA TORRANO.

Eurípides, *Os Heraclidas*. Introdução, tradução do grego e notas de Cláudia Raquel Cravo da Silva. Lisboa, Edições 70, 2000.

Entre as publicações de estudos e traduções de tragédias de Eurípides, que se têm feito em Portugal, destaca-se este trabalho de Cláudia Raquel Cravo da Silva. O mérito desse destaque reside no rigor e erudição do estudo, além da competência da tradução.

O estudo introdutório, intitulado “Introdução”, aborda esta obra desde as circunstâncias mais ou menos externas dos problemas de datação e transmissão do texto, passando pelas origens do mito e pela análise da peça e de suas personagens, em busca do sentido da peça. Nesse percurso, o rigor e a erudição se revelam no diálogo que se mantém simultaneamente com o texto euripídiano e com a tradição da crítica moderna sobre o texto.

Na impossibilidade de se estabelecer com segurança a data da representação de *Os Heraclidas*, examinam-se as diferentes hipóteses e verificam-se os argumentos mais razoáveis em prol de qual seria a altura mais provável dessa representação. Nesse debate, em que intervêm razões apaixonadas e argumentativas paixões, os dados disponíveis permitem um acordo em torno de 430 a.C. Por outro lado, os acidentes da transmissão do texto desafiam a argúcia